



**Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos**  
**(Organizador)**

**Lacres Instituídos pela  
Sociedade e Enfrentamentos  
em Tempos de Exceção**

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos  
(Organizador)

# Lacres Instituídos pela Sociedade e Enfrentamentos em Tempos de Exceção

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Rafael Sandrini Filho  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
L146	Lacres instituídos pela sociedade e enfrentamentos em tempos de exceção [recurso eletrônico] / Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-565-5 DOI 10.22533/at.ed.655190209  1. Ação social – Brasil. 2. Brasil – Política social. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de.  CDD 361.610981
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

**Lacres instituídos pela sociedade e enfrentamentos em tempos de exceção**, coletânea de vinte e dois capítulos de pesquisadores de diversas instituições, corresponde a obra que discute temáticas que circundam sociedade e enfrentamentos.

Abordando os conteúdos trazidos nas contribuições que se seguem, temos majoritariamente estudos que abordam a psicologia nas suas múltiplas vertentes de ações na comunidade social, mas também há a questão que se volta para a política de assistência frente ao questionamento de violência e tráfico de drogas. O ambiente escolar, dialogado com a ciência da psicologia, também é abordado, de modo que perpassa pela interação com a psicopedagogia, com a teoria da psicologia educacional, chegando até os desafios da escola na atualidade e a educação especial.

Além das já suscitadas, a presente coletânea congrega também capítulos que versam sobre enfermagem, saúde mental, espaços de acolhimento, terceira idade, comunidades quilombolas, dilemas enfrentados pelo feminino na sociedade das exclusões e prática esportiva.

Tenham ótimas leituras!  
Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE AS IMPLICAÇÕES DO FAZER PSI DIANTE DA ESCOLHA PROFISSIONAL ENTRE ADOLESCENTES DE DIFERENTES CLASSES SOCIAIS	
Adria de Lima Sousa Patrícia da Silva Caldas Pamella Dias da Silva Vanessa da Costa Balieiro Francisca Renilma de Moura Marinho Joana Maria de Souza Lopes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6551902091</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>6</b>
CLÍNICA E SUBJETIVIDADE: POR UMA NOVA VERSÃO DO DISPOSITIVO PSI	
Ulisses Heckmaier de Paula Cataldo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6551902092</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>23</b>
A PSICOLOGIA E AS VIOLAÇÕES AOS DIREITOS DE ADOLESCENTES NAS MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS DE INTERNAÇÃO	
Sidelmar Alves da Silva Kunz Mônica Marques dos Santos Adilson dos Reis Felipe	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6551902093</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>40</b>
A POLÍTICA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL EM DEBATE: A VIOLÊNCIA ESTRUTURAL E O TRÁFICO DE DROGAS EM TEMPOS DE TRANSFORMAÇÕES SOCIETÁRIAS	
João Vitor Bitencourt Patrícia Krieger Grossi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6551902094</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>52</b>
O CONTEXTO INSTITUCIONAL PELA ÓTICA DA CRIANÇA	
Monalisa Pereira Furtado Celina Maria Colino Magalhães Agnes de Maria Júnior da Silva Dalízia Amaral Cruz Juliana Oliveira dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6551902095</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>64</b>
PSICOMOTRICIDADE E PSICOPEDAGOGIA: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO	
Ceres Fassarella Carneiro Joan Cristina Rios De Oliveira Isabelle Cerqueira Sousa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6551902096</b>	

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>76</b>
ESTADO DA ARTE DE REFERENCIAIS TEÓRICOS DA PSICOLOGIA EDUCACIONAL: 1990-2016	
Paulo Emilio Gomes Nobre	
Emanuelle das Dores Figueiredo Socorro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6551902097</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>87</b>
PSICOLOGIA ESCOLAR E PROCESSOS EDUCACIONAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Fabrício Costa Leite Barros	
Maria Aparecida Ferreira Menezes Suassuna	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6551902098</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>91</b>
OS DESAFIOS NA ESCOLA: FORTALECENDO O JOVEM DIANTE DA TRANSIÇÃO ESCOLAR	
Vinícius Nunes dos Santos	
Tatiana Souza de Oliveira	
Adinete Sousa da Costa Mezzalira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6551902099</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>100</b>
EDUCAÇÃO ESPECIAL: UMA EXPERIÊNCIA COM CRIANÇAS AUTISTAS NO SISTEMA REGULAR DE ENSINO	
Iana Paola Monte Freire	
Karine Lima Verde Peixoto	
Fábia Geisa Amaral Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65519020910</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>112</b>
QUALIDADE DE SONO EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS QUE ESTUDAM PELA MANHÃ E A NOITE DURANTE A SEMANA DE PROVAS	
Thamara Xavier Dias	
Aline Silva Belísio	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65519020911</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>120</b>
ESTAGIÁRIO DE ENFERMAGEM: LUTO POR MORTE VIOLENTA E SUAS CONSEQUÊNCIAS PSÍQUICAS	
Rosane Albuquerque da Costa	
Isabela Vieira da Silva Santos	
Alisson Soares de Sousa	
Hossana Pereira Eugênio	
Jéssika Koste Sangali	
Lucas Costa Marins Barbosa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65519020912</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>132</b>
CUIDADOS COM A SAÚDE MENTAL DOS SERVIDORES DO HOSPITAL GERAL PRADO VALADARES EM JEQUIÉ/BA	
Aida Lomanto Couto	
Elzeni Damasceno de Souza	
Tatiane Tavares Reis	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65519020913</b>	

<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>143</b>
ANÁLISE DAS VISITAS FAMILIARES EM UM ESPAÇO DE ACOLHIMENTO DE BELÉM-PA	
Juliana Oliveira dos Santos	
Celina Maria Colino Magalhães	
Agnes de Maria Júnior da Silva	
Monalisa Pereira Furtado	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65519020914</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>156</b>
O ADEUS AO ABRIGO: NO CURSO DA MAIORIDADE, A REEDIÇÃO DO DESAMPARO	
Natalia Afonso Rubio	
Rita Aparecida Nicioli Cerioni	
Eliana Herzberg	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65519020915</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>165</b>
RODAS DE CONVERSA COM IDOSOS: ESPAÇO DE SIGNIFICAÇÕES E DE ENFRENTAMENTOS EM TEMPOS AUSTEROS	
Iris Clemente de Oliveira Bellato	
Matheus Bassan Alvino Brombim Lopes	
Amailson Sandro de Barros	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65519020916</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>177</b>
REALIDADE E EXPECTATIVA DA POLÍTICA NACIONAL DE PROMOÇÃO DE SAÚDE PARA PESSOAS IDOSAS QUE VIVEM EM SITUAÇÃO DE RUA	
Carine Magalhães Zanchi de Mattos	
Patrícia Krieger Grossi	
Francielli Girard	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65519020917</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>189</b>
COMUNIDADE QUILOMBOLA E SOFRIMENTO ÉTICO-POLÍTICO: AS MARCAS DA EXCLUSÃO SOCIAL NA SUBJETIVIDADE HUMANA	
Fabrício Costa Leite Barros	
Orlando Júnior Viana Macêdo	
Vânia Santana Lacerda Barros	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65519020918</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>193</b>
MISSÃO LAPASSADE-1972: COINCIDÊNCIAS ANALISADORAS	
Marília Novais da Mata Machado	
Sônia Roedel	
Heliana de Barros Conde Rodrigues	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65519020919</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>205</b>
A MULHER DONA DE CASA BENEFICIÁRIA DO PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA	
Antonia Danniele Jeska Torres de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65519020920</b>	



<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>215</b>
MULHERES E O DIREITO DE <i>ESTAR</i> SÓ: DA LIBERDADE JURÍDICA AO PRECONCEITO SOCIAL	
Aline Podkowa	
Rosângela Angelin	
DOI 10.22533/at.ed.65519020921	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>227</b>
ANÁLISE DE DADOS SOBRE MOTIVAÇÃO DE PRATICANTES E FREQUENTADORES DE ACADEMIA	
Lucas Augusto Menezes	
Breno Lara Beraldo	
Vitor Miranda de Araujo	
DOI 10.22533/at.ed.65519020922	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>231</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>232</b>

## ANÁLISE DAS VISITAS FAMILIARES EM UM ESPAÇO DE ACOLHIMENTO DE BELÉM-PA

### **Juliana Oliveira dos Santos**

Universidade Federal do Pará, Faculdade de  
Psicologia  
Belém – Pará

### **Celina Maria Colino Magalhães**

Universidade Federal do Pará, Laboratório de  
Ecologia do Desenvolvimento  
Belém – Pará

### **Agnes de Maria Júnior da Silva**

Universidade Federal do Pará, Laboratório de  
Ecologia do Desenvolvimento  
Belém – Pará

### **Monalisa Pereira Furtado**

Universidade Federal do Pará, Faculdade de  
Psicologia  
Belém – Pará

**RESUMO:** O presente estudo objetivou descrever e analisar as visitas realizadas por familiares às suas crianças que estão em situação de acolhimento institucional. Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo descritivo, onde participaram 12 crianças que estavam acolhidas entre setembro/2016 a março/2017 em um espaço municipal de acolhimento infantil em Belém-PA. Se iniciou a coleta após a autorização pelo Comitê de Ética de pesquisas com seres humanos. Realizou-se o reconhecimento do ambiente de pesquisa, o preenchimento da caracterização da instituição

e das crianças e o registro das visitas, onde focalizou-se em três aspectos: o encontro, o desenvolvimento e o término da visita, além disso observou-se aspectos fundamentais para a visita como o local, o horário e a frequência das visitas. Os resultados apontaram que: a) O encontro da visita é marcado por comportamentos recíprocos que expressam afetividade entre os visitantes e os visitados; b) No desenvolvimento, percebeu-se uma passividade nas interações da díade familiar-criança; c) O término da visita é marcado por comportamentos que expressam insatisfação por parte da criança e de acalento por parte dos pais; d) O local, o tempo e a frequência de realização da visita influenciam na qualidade do encontro. Os resultados indicam para uma necessidade de criar e fomentar estratégias mais eficazes para que o sofrimento da criança e do familiar seja reduzido e para que a visita seja de qualidade. Almeja-se contribuir na construção de estratégias para que a visita seja benéfica tanto para criança quanto para o familiar. **PALAVRAS-CHAVE:** Visita familiar, Acolhimento institucional, Crianças, Desenvolvimento humano.

ANALYSIS OF FAMILY VISITS IN A

**ABSTRACT:** The current study aimed at describing and analyzing the visits done by the family to their children in institutional sheltering. This is a descriptive qualitative research in which participated 12 children who were sheltered from September/2016 to March/2017 in a sheltering institution for children in Belem-PA. The data collection started after the approval by the Ethics and Research Committee. It was performed the inspection of the research environment; the characterization of the institution and the children; and the recording of the visits, focusing on three aspects: the encounter; the development; and the termination of the visitation; also were observed the main aspects for the visits as the place, the time, and the frequency. The results show that: a) the visit encounter is marked by reciprocal behaviors that show affection between the visitors and the visited ones; b) along its development it was noted that the interactions between the family-child dyad was very passive; c) the termination of the visit is marked by behaviors that express dissatisfaction by the children and by the parents' lull; d) the place, the time, and the frequency of the visits have influence on the quality of these encounters. The results indicate the need to create and develop more effective strategies to decrease the suffering of children and families and for the visits to have better quality. It is expected that this study can contribute for the construction of strategies for the visits to be beneficial for both parties, the family and the child.

**KEYWORDS:** Family visits, Institutional sheltering, Children, human Development.

### 1 | INTRODUÇÃO

As instituições de acolhimento atuam como um instrumento da política pública da alta complexidade que visa a proteção e o reestabelecimento dos direitos das crianças e dos adolescentes quando estes passam por alguma forma de violação, negligência ou omissão. O serviço detém caráter provisório e excepcional no qual prioriza-se o retorno dos acolhidos para a sua família de origem, no entanto, quando esse retorno significar prejuízos ao desenvolvimento da criança, deve-se dar prevalência a colocação do infante em família extensa ou família substituta (BRASIL, 1990; BRASIL, 2009; MOREIRA, 2014).

As visitas familiares emergem no contexto dos serviços de acolhimento como um meio através do qual as relações familiares podem ser mantidas enquanto a criança estiver em situação de acolhimento. Por definição, a visita familiar é compreendida nesse cenário como um contato planejado e face-a-face entre a criança e o seu familiar no qual irá exercer um papel necessário para aproximar, preservar e fortalecer os vínculos entre eles (BRASIL, 1990; BRASIL, 2009; SIQUEIRA; DELL'AGLIO, 2011).

Um plano de visitação mostra-se relevante para avaliar as dificuldades nas relações entre família e criança, para que se evite o sentimento de abandono por parte da criança diante da medida e para envolver os familiares nas decisões ocorridas na instituição. Ainda, pontua-se que garantir a realização das visitas às crianças torna

efetivo o direito à convivência familiar e comunitária disposta no Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (BRASIL, 1990; HESS; PORCH 1993 apud SILVA, 2015; HOLCOMB, 2004; SILVA, 2015; SIQUEIRA; DELL’AGLIO, 2011).

Estudos destacam que a visitação tem sido uma das principais formas utilizadas dentro dos serviços de acolhimento para preservar o contato entre famílias e as crianças e para favorecer a reintegração familiar na mesma medida em que essa estratégia tem se revelado como um desafio para a efetivação desse direito. Dados do Conselho Nacional do Ministério Público referentes à resolução nº 71/2011 destacam que 75% das unidades de acolhimento revelam que há acolhidos que não recebem visitas por mais de dois meses (SILVA, 2004; CONSELHO NACIONAL DO MINISTÉRIO PÚBLICO, 2013; ROSA; NASCIMENTO; MATOS; SANTOS, 2012; IANNELLI; ASSIS; PINTO, 2015; ASSIS; FARIAS, 2013)

A Resolução nº 71/2011 (2013) reitera a gravidade desses dados ao realçar que uma menor frequência de visitas às crianças propiciam para o enfraquecimento dos vínculos familiares bem como fragilizam as chances de haver uma reintegração familiar bem sucedida. Dada a sua relevância para o processo de acolhimento, para o desenvolvimento do acolhido e da família, o documento que orienta os serviços de acolhimento dispõe que as visitas devem ser precedidas de organização pela equipe de profissionais (BRASIL, 2009).

Recomendações como a garantia do conforto e da privacidade do encontro, a flexibilização do horários das visitas, incentivo do contato entre os familiares por meio de ligações periódicas e visitas da criança ao seu lar nos finais de semana são propostas pelo Manual de Orientações Técnicas para Serviços de Acolhimento (BRASIL, 2009). O documento reforça que todos os profissionais do serviço de acolhimento devem atuar como facilitadores do fortalecimento dos vínculos, configurando a visitação como responsabilidade de todos os atuantes desse cenário.

O tema da visitação familiar mostra-se pertinente diante das funcionalidades dela ao processo de acolhimento institucional. Vê-se, todavia, que ainda manifesta-se como um tema pouco explorado e que possui relevância no seio social e acadêmico (SILVA, 2015). A investigação da visita é encontrada em conjunto com outras ações realizadas dentro do acolhimento institucional, porém pouco é vislumbrada de forma mais detalhada e minuciosa.

## 2 | MÉTODO

O presente estudo apresenta um delineamento qualitativo do tipo descritivo e objetivou descrever e analisar as visitas recebidas por crianças em situação de acolhimento através da observação naturalística. A pesquisa insere-se em um projeto mais amplo denominado “Perfil das instituições de acolhimento em quatro capitais da região Norte: o reordenamento dos serviços em foco”.

Fizeram parte do estudo 12 crianças que estavam acolhidas no período entre setembro de 2016 a março de 2017. A faixa etária dos participantes variou entre 1 ano e 4 meses a 9 anos. Entre as 12 crianças, 6 tinham irmãos acolhidos na instituição. Seus motivos de acolhimento variaram entre negligência familiar, violência sexual, situação de rua, pobreza e/ou vulnerabilidade social dos responsáveis, abandono, adoecimento mental de um familiar, familiar usuário ou dependente de álcool ou outras drogas, etc.

O estudo foi conduzido em uma instituição de acolhimento, na modalidade de abrigo institucional, que acolhe crianças de zero a seis anos de ambos os sexos. A instituição é de cunho municipal e reside na região metropolitana de Belém.

Enquanto instrumento, utilizou-se um questionário de caracterização da instituição, elaborado a partir do instrumento utilizado em pesquisa desenvolvida por Cavalcante (2008) e um questionário de caracterização da criança, criado a partir do estudo realizado por Weber e Kossobudzki (1996) e adaptado por Cavalcante (2008), a respeito da condição psicossocial de crianças que vivem em contexto de acolhimento institucional e instituições similares.

Também fez-se uso de uma ficha para o registro das visitas que contemplava o nome do visitado, o familiar visitante, o horário de início e fim da visita, o local de acontecimentos do encontro e um espaço para as observações da visita. Utilizou-se folhas de papel A4 para o registro da visita, canetas, relógio e um aparelho para registro de fotografias.

A respeito do procedimento, as questões éticas foram efetivadas por meio da autorização do estudo na instituição e da aprovação do projeto no Comitê de Ética em pesquisas com seres humanos aprovado por meio do parecer número: 568.256. Realizou-se o reconhecimento do ambiente institucional e dos participantes e a apresentação do estudo para a equipe de profissionais do espaço. Deu-se início a coleta dos dados por meio da observação em situação natural da visita desde o início da chegada da criança ao seu familiar até a despedida dos mesmos.

### **3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO**

No período compreendido entre setembro de 2016 e março de 2017 foram observadas 10 visitas que envolveram 12 crianças acolhidas no espaço de acolhimento. As observações do processo de visita foram divididas em três momentos: o encontro, o desenvolvimento e a despedida. Evidencia-se também os aspectos subjacentes que interferem de forma indireta ou indireta no decorrer do encontro, são eles: os horários dos encontros e a frequência do visitante na instituição.

#### **Encontro**

O momento compreendido no qual a criança estabelecia o primeiro contato

com o seu familiar é entendido como o encontro entre os familiares. Foi observado a expressão recíproca de comportamentos motores e expressões de emoções indicadoras da satisfação e felicidade, como a expressão do sorriso, o abraço, o ato do familiar carregar sua criança no colo e estabelecer contato visual ao verbalizar com ela. Tem-se como exemplo a visitação de Luiza onde registrou-se o momento:

Luiza adentra o espaço andando, segurando na mão da técnica de referência. Luiza avista a Mãe, ela sorri. Mãe chama por Luiza batendo palmas e abrindo os braços verbalizando “vem cá, neném”, Luiza movimenta as mãos e solta-se da mão da Técnica e corre em direção a Mãe. Mãe carrega Luiza no colo, abraça. Mãe coloca Luiza sentada nas suas pernas, de lado (...). (Criança: Luiza – 2 anos e 3 meses)

No estabelecimento desse encontro, observou-se registros no qual houveram interações iniciadas pelas crianças, que dirigiam-se ao seu familiar através do comportamento verbal, do toque e do abraço, como indicado nos registros de Isaac e Bruno.

Isaac estava brincando de correr com outra criança do espaço, entra correndo no corredor lateral do espaço e avista a mãe sentada na área da recepção e sai correndo em sua direção verbalizando. Mãe o carrega e o coloca sentado em suas pernas.

Educadora abre a porta da sala de estar do espaço, Bruno adentra o espaço resmungando. Olha para a área da recepção e avista a mãe sentada com o seu irmão no colo. O menino correndo em sua direção e encosta a cabeça no braço da mãe. A mãe estava distraída, abaixa a cabeça na direção de Bruno, avista a criança e fala “meu filho!” e o abraça com um braço, enquanto segurava o irmão com o outro braço. (Criança: Isaac – 3 anos e 7 meses)

As crianças de colo também demonstraram o comportamento de estabelecer alguma forma de interação com seu familiar no encontro, como nos dados de Carla e Elisa.

Carla está no colo de uma educadora. A educadora para na frente da sala da Administração e verbaliza com as pessoas no interior da sala. A mãe da criança está sentada, olha para ela entrando no espaço e acena, sorrindo, Carla observa a mãe. Educadora para de verbalizar, anda em direção a mãe, se inclina e Mãe estende a mão para Carla. Carla prostra o corpo pra frente, Mãe a pega no colo e senta Carla nas suas pernas, Carla está de lado, olha pra mãe e sorri. (Criança: Carla – 1 ano e 7 meses)

Elisa é levada pela técnica de referência pelo colo, técnica anda o caminho verbalizando com a criança, que sorri. Técnica adentra o espaço e a Elisa recebe a Tia-avó sorrindo. Tia-avó chama Elisa com as mãos, sorrindo e Elisa abre os braços e se prostra pra frente, em direção ao colo da Tia-avó. (Criança: Luiza – 1 ano e 8 meses)

Observa-se que os familiares das crianças são recíprocos para com elas ao manifestar emoções e comportamentos motores que indicam satisfação, como o abraço, o sorriso, o ato de carregar a criança e colocá-la em seu colo, estabelecer contato visual. Essa reciprocidade vem a sugerir a existência de vínculos afetivos entre os pares, fator esse que vem a favorecer a efetividade do direito à convivência familiar

e comunitária enquanto as crianças estão em situação de acolhimento (COSTA, 2013).

## Desenvolvimento

O desenvolvimento da visitação é tido como o momento no qual as trocas de interações e comportamentos eram realizadas durante o processo da visita. Esse desenvolvimento é fundamental para observar a forma como as interações são realizadas entre o familiar e a sua criança.

Diante dos dados, percebeu-se a presença dos comportamentos motores e das expressões indicativas de afeto, carinho e felicidade entre os familiares. Os comportamentos de abraço, beijo e cheiro no rosto, afago nos cabelos e nos rostos das crianças são presentes nos registros das observações. Assim como o ato de cantar cantigas infantis, incentivar a criança a cantar e dançar e a preocupação com a saúde física da criança são identificados.

A Mãe e o Padrasto da criança colocam um clipe infantil para Fabiana assistir no celular. A Mãe segura o celular enquanto a criança assiste o clipe balançando seu corpo, pés e mãos no ritmo das canções. (...) Mãe verbaliza “Olha aqui, filha, olha o desenho” e Fabiana olha para o celular, enquanto a Mãe coloca outra música. Fabiana faz a coreografia da canção enquanto a Mãe canta a música e fala “canta, filha!”. (Criança: Fabiana – 1 anos e 9 meses)

Roberta senta na perna da Avó que pede para Roberta cantar, Avó canta para ela e Roberta movimenta-se na perna dela, dançando, batendo palmas. Roberta, com o celular na mão, coloca no ouvido, e a Avó verbaliza “fala com a mamãe”. Roberta verbaliza e sorri. Avó a abraça, cheira no pescoço, a beija no rosto e a coloca em pé, cantando sorrindo olhando para ela. (Criança: Roberta – 1 ano e 4 meses)

Bruno se encosta e coça a cabeça. Mãe vira o olhar para a criança e verbaliza “o que foi? Tá cansado?”, Bruno balança a cabeça em afirmação. Mãe pergunta porque Bruno coça a cabeça, pergunta “se é dodói”, com a mão na cabeça Bruno não responde, vira o olhar para o brinquedo e verbaliza com eles, a Mãe o observa. (Criança: Bruno – 4 anos)

Essas formas de interação mostram-se positivas e de cunho afetuoso, assim como podem promover benefícios à criança e ao familiar uma vez que podem aproximar e reforçar os laços familiares com a sua criança. Tais interações identificadas como positivas exercem um papel fundamental para impulsionar o desenvolvimento saudável da criança e da família (SILVA, 2015).

Em contrapartida, também identificou-se no percurso da visita uma passividade diante das interações. A distração dos presentes na visita diante de outras pessoas ou objetos, a utilização de aparelhos eletrônicos e a resistência para o estabelecimento de uma interação são exemplos dessa passividade registrada.

José se distrai no espaço andando, verbalizando, cantando e explorando o espaço. Mãe que estava conversando com o Avô de se distrai observando a outra visita que ocorre no mesmo espaço. José aproxima-se da Mãe, mexe na perna e anda rápido 3 vezes na tentativa de brincar, verbaliza “AHHH!”, no entanto, a sua mãe não o corresponde e segue olhando para a outra visita. (Criança: José – 3 anos)

A Mãe de Bruno se distrai olhando para a parede do espaço, o irmão de Bruno olha para outro ponto do ambiente, enquanto Bruno brinca sozinho com os brinquedos e verbaliza com eles. Bruno pergunta algo a sua Mãe e ela lhe responde enquanto olha para a parede. (Criança: Bruno – 4 anos)

Irmã coloca Ana no colo da sua Mãe novamente e Ana joga o corpo no colo dela e começa a chorar. A Irmã senta Ana no colo da Mãe e a criança chora mais forte, enquanto a Irmã verbaliza “Não chora”. Mãe a abraça e passa a mão no rosto de Ana, porém a criança empurra a mão da Mãe de seu rosto e chora forte. Irmã se levanta, carrega Ana enquanto balança a menina no colo e a criança se acalma. (Criança: Ana – 3 anos e 9 meses)

**A dispersão da criança no próprio ambiente da visita na tentativa de realização de outras atividades e o deslocamento das crianças para outros compartimentos da casa sugerem a pouca atratividade da visita para elas.**

As educadoras se colocam no corredor que dá entrada ao abrigo para dar banho de bacia em outras crianças, Joana se interessa e pede para tomar banho. Uma educadora pede para ela ficar na visita um pouco e Joana anda para perto da Mãe. (...) Joana movimentava-se no espaço, cantando, correndo e parando na frente do corredor que dá entrada para o quintal, observando as crianças tomando banho. Joana interage com a pesquisadora sobre os amigos tomando banho. Quando Joana vê uma das crianças saindo do banho, Joana verbaliza que é a vez dela e tira a blusa, verbalizando “vou tomar banho, mãe!!”, e a Mãe olha para ela com um meio sorriso verbalizando “Tá bom, tchau, vai lá!” e Joana anda em direção ao espaço do banho. (Criança: Joana – 5 anos)

Luiza movimentava-se no espaço da visita e adentra a parte interna da casa. A Mãe a segue, chamando-a pelo nome e Luiza sorri, seguindo caminho para dentro da casa. (...) Minutos depois Mãe e Luiza tornam ao local da visita. A Mãe carrega Luiza no colo e permanece assim com a criança. Posteriormente, Luiza movimentava-se no colo da mãe e desce até o chão, entrando nas dependências da casa. Mãe a segue e torna ao local da visita segurando Luiza pela mão e verbalizando com ela. Luiza faz birra, puxando a mão da Mãe com força e chora. (Criança: Luiza – 2 anos e 3 meses)

As dispersões e as verbalizações indicam a necessidade da mediação, ainda que parcial, de um profissional do espaço de acolhimento para atuar como um facilitador das interações. O Psicólogo e o Assistente Social da instituição são profissionais aptos a exercerem a função de mediar o encontro, sendo úteis para contribuir na reconstrução e fortalecimento dos laços afetivos, além de contribuir para a identificação da demanda de cada família (COSTA, 2013).

No entanto, essa mediação deve ser construída e estudada sistematicamente, visando diminuir ao máximo o sofrimento tanto da criança quanto dos visitantes. É fundamental que haja um treinamento das equipes dos funcionários das instituições de modo que ajudem a promover encontros positivos entre as crianças com seus familiares (SIQUEIRA; DELL’AGLIO, 2011)

A visita deve atender as necessidades do acolhido e deve ser incentivada quando esta não indicar prejuízos ao desenvolvimento da criança. Quando a visita não atua como um instrumento promotor dos direitos das crianças, ela atua apenas como um dever jurídico e deve ser repensada (COSTA, 2013).



A despeito do espaço onde realizava-se a maioria das visitas familiares, tem-se a área da recepção, um ambiente retangular que tinha disposto três cadeiras em um extremo da parede e três cadeiras no extremo da outra parede, um ventilador e a presença do porteiro da instituição. A disposição do espaço e os registros destacados revelam a necessidade de se pensar em estratégias para construir um ambiente que promova uma interação saudável entre os familiares.

Para tanto, sugere-se a utilização da brinquedoteca da instituição para atuar como um instrumento do desenvolvimento dessas visitas. A brinquedoteca pode ser compreendida como um ambiente facilitador de novas relações e de novas experiências, propondo um espaço em que a criança torna-se ativa no seu processo interativo (ROSA; KRAVCHYCHYN; VIEIRA, 2010), assim, esse ambiente lúdico pode vir a ser um meio positivo para facilitar as relações familiares na visita na instituição.

### Despedida da visita

A despedida da visita é evidenciada como momento em que há a separação da criança do seu familiar, encerrando, dessa maneira, o encontro. Esse é um momento onde há a prevalência da emoção, da afetividade e da resistência das crianças com a despedidas dos pais (COSTA, 2013).

A finalização do encontro é antecedida de um anúncio do término para que o familiar se despeça de sua criança. Esse anúncio provém de verbalizações da equipe técnica da instituição ou do próprio familiar. Quando tais anúncios eram emitidos por um técnico de referência, foi identificadas expressões como *“Vamos?!”, “Se despede da sua mãe”, “Não faça tolice”, “A visita é até às 17:00”, “Bora? Já?”*.

Identificou-se, todavia, que essas verbalizações refletiam de forma aversiva para as crianças que estavam sendo visitadas. Quando elas ouviam as verbalizações indicadoras do término do encontro, elas emitiam comportamentos e emoções expressivas da dor, da infelicidade e da insatisfação, por meio do choro, de gritos e uma maior resistência da criança em soltar o corpo do seu familiar.

Técnica do abrigo adentra o espaço, olha para a Mãe e verbaliza *“Bora? Já?”*, Fabiana começa a chorar desesperadamente. Mãe a abraça, passando as mãos na sua costa e verbaliza *“Mamãe vem amanhã de novo, não chora”*. Mãe levanta com Fabiana no colo, Fabiana chora mais forte e grita, batendo o pé. Fabiana olha para trás, avista o Padrasto e estica os braços para ele, Mãe verbaliza para o Padrasto *“Não leva o braço pra ela de volta!”*. Fabiana agarra o pescoço da Mãe com os braços e envolve o corpo dela com os pés. Técnica a segura pelas costas e pega ela no colo. Fabiana movimentava forte o corpo no colo da Técnica. Técnica a abraça e dá tapinhas na costa de Fabiana falando *“Não chora, neném”*. Mãe toca nos pés de Fabiana olhando para ela, o Padrasto, sentado, olha para a criança. Fabiana se acalma mais e para de chorar, deita no ombro da técnica em silêncio enquanto a técnica passa a mão na costa dela. (Criança: Fabiana – 1 ano e 9 meses)

Técnica de referência entra no espaço, anuncia o fim da visita dizendo *“se despede da sua mãe, José”*. José levanta da cadeira e começa a chorar. Mãe se abaixa, o pega no colo e o carrega, beija o ombro de José. Técnica pede para ele não fazer *“tolice”*. Mãe o beija no rosto e depois o coloca no chão. José bate os pés, grita e

chora demasiadamente. Uma educadora que está entrando no espaço, observa a cena e pega na mão de José e leva José pra dentro do abrigo. José balança bruscamente a sua mão e solta a mão dele da mão da educadora. Em seguida, corre em direção a mãe. Cuidadora alcança José e o pega pelo braço antes dele chegar próximo da Mãe. Cuidadora o leva para dentro do abrigo e José grita e chora enquanto é levado. Mãe observa a cena, mas alguns segundos depois se retira do espaço. (Criança: José – 3 anos)

Como resposta aos comportamentos aversivos das crianças, os familiares demonstraram comportamentos e verbalizações indicativas do acalento, com o intuito de tranquiliza-los e emitir sentimentos de segurança como o comportamento de segurar no colo, beijar o rosto e verbalizações como “*Mamãe vem amanhã de novo, não chora*”, “*A gente não demora a voltar*”, “*Eu volto aqui na quinta*”, “*Eu volto logo*”.

Também foi observado que quando esse anúncio do término do encontro era precedido por iniciativa dos familiares, as crianças aceitavam com melhor facilidade e tranquilidade, mesmo com os comportamentos de choros e tristeza.

Guarda avisa que é 15:30 e ele pede pra mãe ir se despedindo aos poucos. Mãe segura ele pela mão e diz pra ele pular igual o sapo, ele pula enquanto segura a mão dela e gargalha, ela diz “Dá um beijo no Avô”, ele beija ele no rosto. Avô diz “agora é minha vez” e avô beija no rosto dele. Mãe diz “Agora me beija”, Isaac prostra o corpo pra frente e beija o rosto da mãe, e ela o beija de volta. Ela para Isaac na frente dela e diz “Eu te amo, tu me ama?”, Isaac abaixa a cabeça e depois a levanta assentindo com a cabeça que sim. Ele se levanta na perna dela e ela segura com a mão. Mãe diz “Mamãe já vai” ele diz “Mas por que?” Mãe justifica dizendo que tem coisas a fazer e diz que volta no dia seguinte para vê-lo. Isaac cabisbaixo, assente com a cabeça. Mãe diz “Onde tá a Tia?” ele olha pra porta do abrigo e aponta pra lá dizendo “ela tá ali”. Mãe carrega Isaac, se levantando, passa a mão na cabeça dele e fica na frente da porta, diz pra estagiária de T.O “Tem alguém pra buscar ele aqui? A visita acabou”. A estagiária estende a mão pra ele sorrindo, ele sorri de volta e prostra o corpo no colo dela. Estagiária o carrega, ele se vira pra mãe, ele dá tchau com a mão, ela também e manda um beijo. Ele é levado pra dentro do abrigo, mãe vai ao encontro do avô. (Criança: Isaac – 3 anos e 7 meses)

Essas verbalizações e esses comportamentos emitidos pelos familiares às suas crianças tornam-se substanciais para que não prevaleça na criança o sentimento de abandono. O estreitamento das relações familiares por meio das visitas periódicas denotam o interesse da família em preservar o desenvolvimento de sua criança (CAVALCANTE; COSTA SILVA; MAGALHÃES, 2010) fomentando a brevidade da presença delas na instituição.

### **Aspectos subjacentes da visita: o horário e a frequência**

As visitas no espaço de acolhimento eram precedidas de organização com a equipe técnica acerca dos horários de realização. Conforme destacado pela coordenação, essa organização é relevante para que o espaço e a criança se preparem e para que não haja conflito de horários com outras atividades das crianças. Esse fator não exime, no entanto, a presença do familiar no local sem marcar de forma prévia.

As visitas eram marcadas por um profissional responsável inicialmente em uma caderneta, sendo alterada em Janeiro/2017 para o registro em um quadro de avisos.

Os horários previstos para o acontecimento das visitas era de 9h às 11h, no período matutino e de 15h às 17h no período vespertino, de segunda a sexta. As visitas não eram permitidas no final de semana, uma vez que não havia expediente da equipe técnica responsável no local.

O manual que orienta os serviços de acolhimento (BRASIL, 2009) sugere que os horários devem ter um caráter flexível de acordo com a realidade vivenciada por cada familiar. A visita familiar deve ser uma aplicação utilizada junto com outras medidas para auxiliar as famílias em suas dificuldades e ações que possam favorecer a reinserção familiar (SOUZA; BRITO, 2015).

De acordo com os dados registrados, todas as visitas iniciaram entre o horário previsto pela instituição e apenas três ultrapassaram o horário final previsto. Mediante registrado nas visitas, a equipe técnica verbalizava que, por vezes, o familiar não respeitava os horários indicados previamente, fator esse que interferia diretamente no ocorrer e na qualidade da visita.

### A frequência do visitante:

A presença dos visitantes na instituição é necessária para haja a preservação dos seus vínculos com sua respectiva criança, além de trazer benefícios para a família no sentido de trazer aprendizagem e prática de novas formas de interação que visem a manutenção da criança ao seio familiar (WARSH; PINE, 2000 apud SIQUEIRA; DELL'AGLIO, 2011). O Gráfico I dispõe a frequência da presença dos familiares na instituição

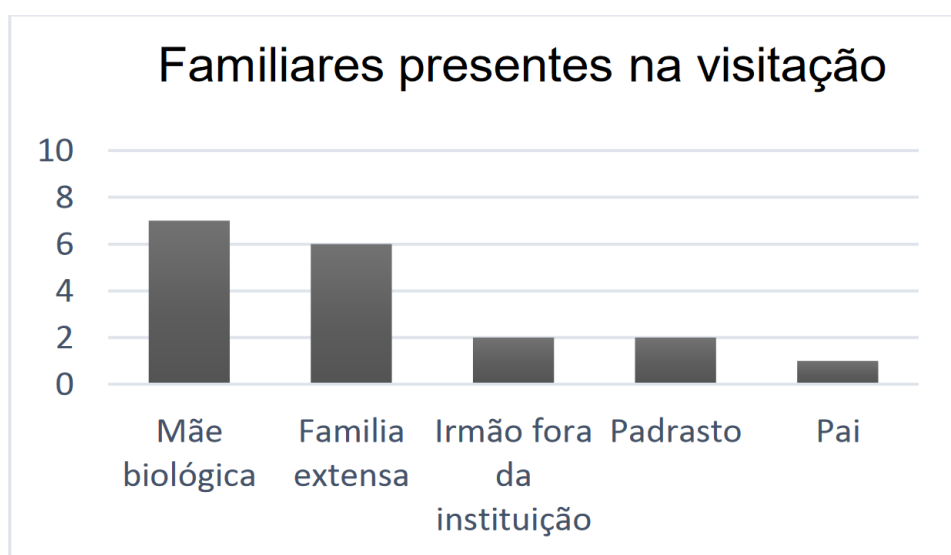


Gráfico I: Quantidade de vezes que os visitantes estiveram presentes na visitação.

O Gráfico I indica que presença da mãe biológica é mais frequente nas visitas registradas enquanto a do pai biológico é a menos frequente. Esse fator vislumbra a existência da negligência desta figura quanto ao direito da criança de convivência

familiar e comunitária, uma vez que há a omissão do direito de cuidado básico que atenda o emocional e o social da criança acolhida.

A presença do padrasto também pode ser uma ilustração do que Furlan e Sousa (2014) pontuam como sendo parte da transformação da instituição família que, a partir do século XX, passou por profundas modificações como por exemplo o alto índice de divórcio e o início de novos relacionamentos sendo frequente no meio social a presença do padrasto como integrante da família ou sujeito que representa relevantes interações afetivas.

Quanto a família extensa, evidenciou-se a presença dos avós. A presença dessas figuras surge no contexto contemporâneo de desenvolvimento como um meio de apoio social com que os pais contam para a execução de tarefas como cuidar e educar crianças. Por meio das suas experiências e dos apoios oferecidos, os avós exercem um papel de forte influência na vida de seus descendentes (SILVA; MAGALHÃES; CAVALCANTE, 2014).

Os resultados da pesquisa realizada por Silva, Magalhães e Cavalcante (2014) apontam como os avós, no contexto do acolhimento institucional, podem influenciar e contribuir para o desenvolvimento do infante, bem como auxiliam na preservação e nos fortalecimentos dos vínculos através de suas inteirações, por isso, podem apresentar um aspecto positivo para a criança e seu desenvolvimento quando acolhida na instituição de acolhimento.

#### **4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente estudo evidenciou que a visita é um elo fundamental para a manutenção e preservação dos vínculos familiares. Foi observado que as interações no início das visitas são expressas por afetividade, o desenvolvimento é marcado por certa passividade de interação entre os familiares e na despedida tem-se a expressão do sofrimento da criança e de acalento por parte dos familiares.

Também identificou-se aspectos que interferem no processo da visita, como o local de acontecimento, o horário e a frequência dos visitantes no espaço, sendo fundamentais para se pensar a visita como um fenômeno complexo que detém características essenciais para seu funcionamento.

Constatou-se que o processo das visitas necessita de estratégias eficazes para uma inteiração de qualidade, onde a relação represente benefícios a todos os envolvidos na visita.

Sugere-se como parte dessas estratégias a fomentação de um ambiente favorável a visita, onde exista uma privacidade para o encontro e recursos lúdicos que auxiliem a interação, como a visitação na brinquedoteca. O planejamento das visitas para uma melhor articulação entre a instituição e a família e a capacitação dos educadores da instituição para atuarem como mediadores dos encontros nos finais de semana.

Como possibilidade de realizar a pesquisa sob novos moldes, sugere-se a padronização da amostra das visitas, além da aplicação de um questionário semiestruturado com o intuito de apreender no discurso dos visitantes as representações pessoais dos mesmos acerca da realização das visitas.

Almeja-se dar continuidade às investigações sobre a visita familiar no contexto do acolhimento pondo como meta futura compreender as percepções da equipe técnica e dos familiares sobre as visitas afim de fomentar novas reflexões e possibilidades de intervenções nesse âmbito do desenvolvimento humano.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, S. G.; FARIAS, L. O. P. (orgs.). **Levantamento Nacional das Crianças e Adolescentes em Serviço de Acolhimento**. São Paulo: HUCITEC EDITORA, 2013.

BRASIL. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente e Conselho Nacional de Assistência Social. **Orientações técnicas: serviços de acolhimento para crianças e adolescentes**, Brasília: Conanda, 2009.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. (1990,13 de julho). **Dispõe o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Brasília, DF: Casa Civil, 1990. Subchefia para assuntos jurídicos.

CAVALCANTE, L. I. C. **Ecologia do Cuidado: Interações entre a criança, o ambiente, os adultos e seus pares em instituição de Abrigo**. 2008.510f. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Teoria de Pesquisa do Comportamento) - Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, 2008.

CAVALCANTE, L. I. C.; SILVA, S. S. C.; MAGALHÃES, C. M. C. **Institucionalização e Reinserção Familiar de crianças e adolescentes**. Revista Mal-estar e subjetividade, Fortaleza, Vol. 10, n. 4, 1147-1172, dez. 2010. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482010000400005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482010000400005)>. Acesso em: 14 de Maio de 2019.

COSTA, A. C. R. **O direito e o dever à visita familiar: a convivência de pais e filhos em instituição de acolhimento**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social), Universidade Federal do Pará, Pará, 2013.

FURLAN, V.; SOUSA, T. R. P. **Família, acolhimento institucional e políticas públicas: um estudo de caso**. Revista Psicologia Política, São Paulo, Vol. 14, n. 31, 499-516, dez. 2014. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2014000300006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2014000300006)>. Acesso em: 14 de Maio de 2019.

HOLCOMB, R. **Innovative practice in foster child visitation: A review of the literature for family alternatives**, inc. Minneapolis, out. 2004. Disponível em <<https://casw.umn.edu/wp-content/uploads/2014/07/FosterCareVisitationLitreview.pdf>>. Acesso em: 14 de Maio de 2019.

IANNELLI, A. M.; ASSIS, S. G.; PINTO, L. W. **Reintegração familiar de crianças e adolescentes em acolhimento institucional em municípios brasileiros de diferentes portes populacionais**. Ciência & Saúde Coletiva, Vol. 20, n. 1, 39-48, jan. 2015. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232015000100039&script=sci\\_arttext&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232015000100039&script=sci_arttext&lng=pt)>. Acesso em: 12 de Maio de 2019.

MOREIRA, M. I. C. **Os impasses entre acolhimento institucional e o direito à convivência familiar**. Psicologia & Sociedade, Vol. 26, n. spe. 2, 28-37, 2014. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v26nspe2/a04v26nspe2.pdf>>. Acesso em: 13 de Maio de 2019.

Relatório da Infância e Juventude – Resolução nº 71/2011: **Um olhar mais atento aos serviços de acolhimento de crianças e adolescentes no País**. Brasília: Conselho Nacional do Ministério Público, 2013.

ROSA, F. V.; KRAVCHYCHYN, H.; VIEIRA, M. L. **Brinquedoteca: a valorização do lúdico no cotidiano infantil da pré-escola**. Barbarói, Santa Cruz do Sul, n. 33, 8-27, ago-dez. 2010. Disponível em < <http://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/viewFile/1208/1320>> Acesso em 13 de Maio de 2019.

ROSA, E. M.; NASCIMENTO, C. R. R.; MATOS, J. R.; SANTOS, J. R. **O processo de desligamento de adolescentes em acolhimento institucional**. Estudos de Psicologia, Vol. 17, n. 3, 361-368, set-dez. 2012. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v17n3/03.pdf>>. Acesso em: 13 de Maio de 2019.

SILVA, E. R. A. **O Direito à Convivência Familiar e Comunitária: os abrigos para crianças e adolescentes no Brasil**. Brasília: IPEA/CONANDA, 2004.

SILVA, T. S. R. **A visita familiar no contexto do acolhimento institucional de crianças**. 2015. 180 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e Pesquisa do Comportamento), Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

SILVA, T. S. R., MAGALHÃES, C. M. C.; CAVALCANTE, L. I. C. **Interações entre avós e netos em instituição de acolhimento infantil**. Arquivos Brasileiros de Psicologia, Rio de Janeiro, Vol. 66, n. 1, 49-60, 2014. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672014000100005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672014000100005)>. Acesso em: 14 de Maio de 2019.

SIQUEIRA, A. C.; DELL'AGLIO, D. D. **Políticas públicas de garantia do direito à convivência familiar e comunitária**. Psicologia & Sociedade, Vol. 23, n. 2, 262-271, 2011. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822011000200007&script=sci\\_abstract](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822011000200007&script=sci_abstract)>. Acesso em: 13 de Maio de 2019.

SOUZA, F. H. O.; BRITO, L. M. T. **Acolhimento institucional de crianças e adolescentes em Aracaju**. Revista Psicologia Clínica, Rio de Janeiro, Vol. 27, n 1, 41-57, 2015. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/pc/v27n1/0103-5665-pc-27-01-00041.pdf>>. Acesso em: 13 de Maio de 2019.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Autismo 100, 101, 102, 104, 109, 111

### B

Bolsa Família 8, 184, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213

### C

Classe Social 47, 103, 104, 172

Comunidade Quilombola 8, 189, 190, 191

Consequências Psíquicas 7, 120, 122, 124, 129

Criança 6, 13, 17, 18, 24, 26, 27, 30, 34, 38, 39, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 70, 72, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 109, 111, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 157, 158, 160, 163, 164, 222

### D

Desamparo 8, 128, 156, 158, 164

Desigualdade 1, 44, 45, 171, 192, 202, 217, 218, 222, 225

Direitos 6, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 61, 62, 63, 93, 97, 109, 110, 144, 149, 154, 158, 164, 165, 170, 175, 177, 183, 184, 185, 187, 189, 190, 191, 206, 207, 212, 213, 214, 215, 217, 218, 220, 221, 222, 223, 225, 226, 231

### E

Educação Especial 5, 7, 64, 100, 101, 105, 109

Enfermagem 5, 7, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 158, 175, 188

Enfrentamentos 2, 5, 8, 25, 50, 165

Ensino Superior 104, 114, 120, 128, 199

Escola 5, 7, 1, 2, 3, 4, 12, 13, 18, 40, 65, 71, 77, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 129, 133, 141, 142, 155, 177, 181, 199, 202, 231

Espaço de Acolhimento 8, 143, 146, 149, 151

Exclusão Social 8, 45, 103, 104, 189, 190

### L

Liberdade 9, 24, 25, 27, 30, 33, 34, 39, 43, 114, 156, 158, 182, 199, 203, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 222, 225

Luto 7, 120, 124, 129, 130

## M

Medidas Socioeducativas 6, 23, 24, 27, 30, 31, 34, 37, 38

Mulher 8, 160, 205, 206, 209, 210, 212, 213, 215, 218, 220, 221, 222, 224, 226

## P

Pessoa Idosa 179, 183

Política de Assistência 5, 6, 40, 41, 42, 43, 47, 48, 49, 207, 212

Prática Esportiva 5, 227

Processos Educacionais 7, 87, 88

Psicologia 5, 6, 7, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 11, 16, 21, 22, 23, 24, 33, 34, 38, 39, 52, 61, 63, 68, 69, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 112, 115, 116, 117, 119, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 143, 154, 155, 157, 164, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 175, 176, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 198, 200, 202, 203, 227, 228, 230

Psicologia Educacional 5, 7, 76, 78, 87

Psicopedagogia 5, 6, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 72, 73, 74, 75

## S

Saúde Mental 5, 7, 11, 12, 13, 18, 47, 50, 70, 91, 132, 133, 135, 136, 137, 142

Sistema Regular de Ensino 7, 100, 101, 104

Situação de Rua 8, 43, 146, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188

Sociedade 2, 5, 3, 4, 6, 7, 16, 26, 27, 33, 41, 44, 45, 46, 47, 48, 51, 61, 70, 81, 88, 92, 93, 94, 102, 107, 109, 113, 154, 155, 168, 170, 171, 175, 177, 178, 183, 188, 190, 191, 192, 201, 202, 206, 209, 213, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225

Sociologia 68, 203

Sono 7, 58, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119

Subjetividade 6, 8, 6, 7, 9, 10, 11, 20, 62, 84, 139, 154, 159, 167, 172, 189, 192, 204, 226

## T

Transição Escolar 7, 91, 92, 95, 97, 98

## V

Violência 5, 6, 14, 16, 24, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 63, 92, 103, 120, 122, 129, 146, 178, 179, 180, 183, 193, 195, 196, 202, 203, 219, 225



Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-565-5

